CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O MOTELX
4 de setembro de 2026

LIBAHUNT / 1968
("Lobisomem")

Um filme de Leida Laius

Realização: Leida Laius / Argumento: Leida Laius e Rembit Remmelgas, baseado numa peça teatral de August Kitzberg / Direcção de Fotografia: Algimantas Mockus / Direcção Artística: Linda Vernik e Mart Must / Música: Veljo Tormis / Som: Roman Sabsai / Montagem: Ludmilla Rozenthal / Interpretação: Ene Rammeld (Tiina), Doris Kareva (Tiina em jovem), Malle Klaassen (Mari), Kulli Song (Mari em jovem), Evald Hermakula (Margus), Rein Valter (Margus em jovem), Voldemar Paavel (Sulane), Elsa Ratassepp (avó), Leonhard Merzin (Jass), etc.

Produção: Tallinnfilm / Produtor: Kullo Must / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em estónio com legendagem eletrónica em português / Duração: 73 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: abril de 2023, ciclo "O Cinema da Estónia: Um Ninho ao Vento".

***

Celebrou-se em 2023 o centenário de Leida Laius (1923-1996), e na Estónia aproveitou-se para recuperar o seu legado, que se mantém praticamente desconhecido para além das fronteiras nacionais. **Libahunt** foi a segunda longa-metragem da realizadora, que apesar da produção esparsa (seis longas-metragens estreadas entre 1965 e 1989) é tida como um nome importante na afirmação do cinema estónio e, sobretudo, da nacionalidade estónia dentro da URSS.

Libahunt é, de facto, um filme estranho, mesmo que alguns aspectos da sua linhagem sejam relativamente claros. É, dir-se-ia, um filme feito sob os auspícios das novas vagas que naquele final dos anos 60 carburavam em pleno em muitas cinematografias do leste da Europa, incluindo genericamente a da União Soviética. É fácil pensar, por exemplo, e a propósito da profunda dimensão feminina do filme, em títulos como o **Sedmikrasky** ("as Margaridas"), o célebre e quase contemporâneo filme da checa Vera Chytylová.

Mas **Libahunt**, que se baseia numa peça teatral datada de 1912 e escrita por um dos mais importantes dramaturgos estónios da viragem do século XIX para o século XX, August Kitzberg, procura o encontro com raízes culturais muito próprias, e há certamente qualquer coisa de político nisso. Sabemos como a cultura russa se infiltrou em muitas repúblicas soviéticas, sabemos também como, por esta altura, a URSS reprimia a erupção das culturas e das mitologias tradicionais de muitas dessas repúblicas (a saga de Paradjanov e dos seus filmes ucranianos é um bom exemplo). Não há registo de Laius ter tido problemas com isso, nem o seu filme, mas a raiz mitológica de Libahunt afasta-se decididamente da filiação russa para rumar a Norte, a outro Norte, às mitologias escandinavas e das vizinhanças, como se com isso se afirmasse a proximidade cultural da Estónia a essa porção geográfica do outro lado do Báltico (a Finlândia está à distância de uma viagem de "ferry boat", como sabe quem viu o **Sombras no Paraíso** de Aki Kaurismaki…).

É curioso que algum deste paganismo nórdico está hoje na moda. As celebrações do "midsomar", do "meio do verão", que praticamente abrem **Libahunt**, em coreografias estilizadas e sobretudo muito bem pensadas e montadas (que nos mergulham imediatamente num universo delimitado e em estreito contacto com a magia), eram, por exemplo, o centro (folclórico e folclorizado) de um recente filme (péssimo, mas muito badalado) de Ari Aster, **Midsommar**. Para quem viu esse filme,

que se ambientava, salvo erro, na Suécia, o contacto com **Libahunt** permite conhecer uma versão mais genuína dessa mitologia, não corroída nem pelo kitsch nem pela caricatura com efeitos de terror.

Luís Miguel Oliveira

(texto escrito a partir de um visionamento de uma cópia sem legendas em português)